

ANÁLISE SOBRE O FECHAMENTO DO UNIVERSO DO DISCURSO NA SOCIEDADE UNIDIMENSIONAL DESENVOLVIDA POR HERBERT MARCUSE NO ESTUDO DA IDEOLOGIA DA SOCIEDADE INDUSTRIAL

ANALYSIS ON THE CLOSURE OF THE UNIVERSE OF DISCOURSE ON ONE-DIMENSIONAL SOCIETY DEVELOPED BY HERBERT MARCUSE IN THE STUDY OF INDUSTRIAL SOCIETY'S IDEOLOGY

Thiago Roque de Souza¹¹

Resumo: Este artigo consiste na análise sobre *O fechamento do universo do discurso na Sociedade Unidimensional*, capítulo 04 da obra *Estudo da Ideologia da Sociedade Industrial – O homem unidimensional* do filósofo alemão Herbert Marcuse (1898 - 1979), no qual o teórico crítico aborda questões como: a *operacionalização da linguagem*, a *linguagem personalizada*, as *tendências predominantes do discurso e o comportamento linguístico*. Para Marcuse, na sociedade estabelecida, a linguagem operacional pode ser compreendida como uma linguagem radicalmente anti-histórica porque sua racionalidade operacional (assessorada pela razão instrumental) tem pouco espaço e pouco uso para a razão histórica. Haja vista que o discurso desenvolve os conflitos históricos por meio de uma ritualização autoritária do próprio discurso estabelecido. A análise operacional não pode levantar a questão decisiva se o consentimento em si não era resultado da manipulação. Sua análise leva-nos a compreender o conceito não-operacional, rejeitado pelos autores e pelo fato de definir representações claras de controle e manipulação, moldados pela operacionalização da linguagem firmada no universo do discurso e de seu condicionamento, como comportamento unidimensional.

Palavras-Chave: operacionalização, linguagem, universo do discurso.

Abstract: This article consists of the analysis on *The closure of the universe of discourse in the Unidimensional Society*, exposed in chapter 04 of the *One-dimensional man - Studies in the Ideology of Advanced Society* of the German philosopher Herbert Marcuse (1898 - 1979), in which the critical theorist addresses issues such as: *language, personalized language, predominant discourse trends and linguistic behavior*. For Marcuse, in established society, operational language can be understood as a radically anti-historical language because its operational rationality (advised by instrumental reason) has little space and little use for historical reason. It is seen that the discourse develops the historical conflicts through an authoritarian ritualization of the established discourse itself. Operational analysis can not raise the decisive question whether consent itself was not the result of manipulation. Their analysis leads us to understand the non-operational concept, rejected by the authors and the fact of defining clear representations of control and manipulation, shaped by the operationalization of the language established in the discourse universe and its conditioning, as one-dimensional behavior.

Key words: operationalization, language, universe of discourse.

1 Acadêmico do Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7975536691200367> e-mail: prof.thiagoroque@gmail.com

1 – A operacionalização da linguagem que se insere no universo da comunicação, gerenciada pelos agentes de publicidade, no qual o comportamento unidimensional se expressa nos modos predominantes da linguagem.

Herbert Marcuse, no capítulo 04 - *O fechamento do universo do discurso* de sua obra *Estudo da Ideologia da Sociedade Industrial – O homem unidimensional*, inicia sua análise observando que a “consciência feliz²²” seria a crença de que o real (no sentido de contingente) é racional e que o sistema entrega os bens, refletindo um novo conformismo, ou seja, uma faceta da racionalidade tecnológica - a razão instrumentalizada que se traduz em comportamento social, agora, regulamentado pelo aparato de produção específica da sociedade estabelecida.

Nesse sentido, o poder desse tipo de razão institucionalizada pelo o aparato tecnológico a serviço da sociedade estabelecida, foi adquirido e absolvido por sua eficácia e produtividade falaciosa de bem-estar - a superestrutura produtiva, que se encontra apoiada sobre a base infeliz da sociedade, tendo como aliado a mídia e seus agentes de publicidade que moldam todo universo da comunicação em processo de operacionalização desses meios, a serviço do aparato produtivo da sociedade capitalista. Como podemos perceber na seguinte passagem:

[...] a superestrutura produtiva apoiada sobre a base infeliz da sociedade, permeia a “mídia” que faz a mediação entre os senhores e seus dependentes. Seus agentes de publicidade moldam o universo da comunicação no qual o comportamento unidimensional se expressa. Sua linguagem testemunha a identificação e a unificação, a promoção sistemática do pensar e fazer positivos, o ataque orquestrado às noções transcendentais e críticas. Nos modos predominantes da linguagem [...].³

Esse processo facilita a perda da representação linguística autêntica, pois, o discurso é privado das mediações⁴³ e dos conceitos que compreendem os fatos e ao mesmo tempo, transcendendo a eles e perdendo sua representação. Haja vista que a operacionalização da linguagem ajuda repelir os elementos não-conformistas da estrutura e do movimento do discurso.

Para Marcuse este processo afeta diretamente o vocabulário e a sintaxe, que se associam

2 “A Consciência Feliz – a crença de que o real é racional e que o sistema entrega os bens [...] Sustenta uma sociedade que reduziu – e em suas mais avançadas áreas eliminou – a irracionalidade mais primitiva de estágios anteriores, que de aniquilação ainda não ocorreu; os campos nazistas de extermínio foram abolidos. A Consciência Feliz repele toda afinidade [...]” (MARCUSE, 2015, p. 107) / Marcuse também dedica o capítulo 03 (A conquista da consciência infeliz: dessublimação repressiva) a questões importantes acerca dessa consciência feliz, ao observar que a dessublimação institucionalizada parece ser realizada como uma “conquista da transcendência” realizada pela sociedade unidimensional. Seu resultado seria a atrofia dos órgãos mentais em compreender a contração e as alternativas do domínio da política. (Ver detalhes na página 103 – O homem unidimensional)

³ (MARCUSE, 2015, p.108)

⁴ Mediações que constituem os estágios do processo de cognição e avaliação cognitiva. Sem essas mediações, a linguagem tendo a expressar e promover a identificação imediata entre razão e fato, verdade e verdade estabelecida, essência e existência, a coisa e sua função. (MARCUSE, 2015, p. 108)

diretamente ao comportamento linguístico que determina as relações formais, que interligam sentenças às estruturas na qual a sociedade expressa suas exigências no material linguístico. Agora, comprometido pelo processo de operacionalização instrumentalizada, tornando-se o discurso da sociedade estabelecida.

1.1 – A diferença que desafia conjuntamente os modos de pensamentos bidimensionais e dialéticos, como também, os comportamentos tecnológicos ou “hábitos de pensamentos” sociais nos modos predominantes da linguagem.

Os comportamentos tecnológicos estão intrinsecamente ligados aos modos predominantes da linguagem, que moldam o universo do discurso dentro da lógica de uma operacionalização instrumentalizada da sociedade estabelecida. Essa operacionalização tende a convergir no bloqueio de qualquer forma que possa transgredir ou desafia os modos de comportamentos impostos por tal modelo social, impossibilitando que os meios de pensamentos bidimensionais e dialéticos⁵⁴ possam mudar os hábitos de pensamentos sociais. Como percebemos na seguinte passagem:

[...] Nos modos de predominantes da linguagem, a diferença desafia conjuntamente modos de pensamento bidimensionais e dialéticos e comportamento tecnológico ou “hábitos de pensamento” sociais. Na expressão desses hábitos de pensamentos, a tensão entre aparência e realidade, causa e efeito, substância e qualidade accidental tendem a desaparecer. Os elementos de autonomia, descoberta, demonstração, e crítica retrocedem ante a designação, asserção e imitação. Elementos mágicos, autoritários e ritualísticos permeiam a fala e a linguagem⁶.

Visto que nos modos predominantes da linguagem, a diferença desafia de forma conjunta os modos de pensamentos dialéticos e bidimensionais, pois o discurso passa também a ser compreendido como algo que se priva das possíveis mediações que possam constituir os estágios do processo de cognição, por consequência, de avaliação cognitiva, pois os conceitos que buscam compreender os fatos estão perdendo sua representação linguística autêntica.

A *palavra* nesse contexto possui um poder de organizar e ordenar esse processo, pois é por meio dela que as pessoas se induz a compararem (ou aceitarem) algo. Transmitido em um estilo que nada mais é que uma criação linguística autêntica, uma sintaxe que a estrutura da sentença é abreviada e condensada de tal modo, que não sobre espaço entre as partes da mesma (sentença).

5 Marcuse considera que para Hegel: “Pensar é sim, essencialmente a negação daquilo que está imediatamente diante de nós” (Da tradução de Alberto Dias Gadanha do prefácio *A note on dialectic* do livro de Herbert Marcuse *Reason and Revolution – Hegel and the rise of social theory* – Boston: Beacon Press, 1960). A negação, que a dialética aplica a estes conceitos não é só crítica a uma lógica do conformismo, que nega a realidade das contradições, é também, uma crítica ao estado das coisas existentes em seu próprio fundamento – do sistema estabelecido de vida, que prejudica suas próprias expectativas e potencialidades. O pensamento filosófico deve ir da experiência imediata para sua estrutura histórica: o princípio de liberdade.

⁶ (MARCUSE, 2015, p.108)

Portanto, percebemos que as características do discurso no comportamento social, acabam sendo compreendidas como características do operacionalismo não dialético, mas instrumentalizado pelos modos dominantes da sociedade unidimensional, que deturpam e manipula a representação linguística, interferindo na identificação entre *razão e fato*, *verdade e verdade estabelecida*. Ou seja, a característica do operacionalismo nesse contexto seria buscar tornar o conceito sinônimo do conjunto correspondente de operações como: a *coisa* e a sua *função, palavra e conceito*.

1.2 – As características do discurso no comportamento social, que aparecem como uma característica do operacionalismo, pois o discurso é privado das mediações que constituem os estágios do processo de cognição e avaliação cognitiva.

Percebemos que o discurso dentro da perspectiva da sociedade industrial avançada dominada pelas relações específicas de produção capitalista, é privado das possíveis mediações que possam constituir o processo de cognição e avaliação cognitiva, sendo essas as características do discurso no comportamento social movido por uma unidimensionalidade na forma de pensar e agir. Como cita Marcuse:

[...] O discurso é privado das mediações que constituem os estágios do processo de cognição e avaliação cognitiva. Os conceitos que compreendem os fatos e, por meio autêntica. Sem essas mediações, a linguagem tende a expressar e promover a identificação imediata entre razão e fato, verdade e verdade estabelecida, essência e existência, a coisa e sua função.

Essas identificações, que apareceram como uma característica do discurso no comportamento social. Aqui, a operacionalização da linguagem ajuda a repelir os elementos não-conformista da estrutura e do movimento do discurso⁷.

As mediações da linguagem tendem a promover e expressar uma identificação imediata entre *razão e fato*, como já nos referimos anteriormente. Entretanto, essa identificação aparece como uma característica do comportamento social no qual referimos. Nesse contexto, a operacionalização da linguagem pode nos ajudar a rechaçar os fundamentos que não se conformam com a estruturação desse movimento do discurso estabelecido.

Para Marcuse, a sociedade expressa suas cobranças por meio do material linguístico. A linguagem popular (como a gíria e a própria fala coloquial), por exemplo, funcionam como uma forma de atacar e provocar o discurso oficial e semioficial, muitas vezes de forma criativa contra as formas de dominação subjugada na esfera política, tornando-se assim, uma “linguagem dialética-operacional”, como uma resistência e luta contra o discurso estabelecido da sociedade

⁷ (MARCUSE, 2015, p.108).

unidimensional.

A operacionalização da linguagem expressa um esgotamento do sentido que tem uma conotação política. O substantivo opera a sentença numa forma totalitária e autoritária que por consequência torna a sentença em uma espécie de declaração a ser aceita. Substantivos⁸⁵ como “liberdade” e “democracia” implicam de forma analítica um conjunto específico de atributos que ocorrem de forma invariável quanto é escrito ou falado.

1.3 – A destrutividade lucrativa expressa na conjuntura linguística, onde os opostos são reconciliados através de uma base, que se encontra firmada no universo do discurso e seu condicionamento.

A destrutividade lucrativa está associada também ao universo do discurso estabelecido, onde os opostos são ajustados por meio de uma base firme que os unificam, haja vista que a comercialização une condições da vida, que antes poderiam ser compreendidas como antagônicas, mas agora podem ser entendidas na expressão da conjunção linguística de partes conflitantes da fala. Como percebemos na seguinte passagem:

O universo do discurso no qual os opostos são reconciliados tem uma base firme para tal unificação – sua destrutividade lucrativa. A total comercialização une esferas da vida que antes eram antagônicas, e essa união se expressa na suave conjunção linguística de partes conflitantes da fala. Para uma mente ainda não suficientemente condicionada, muito do discurso e da imprensa públicos parece totalmente surrealista. [...] a lógica e a linguagem se tornam perfeitamente racionais quando aprendemos que um “submarino nuclear equipado com mísseis balísticos” custa cento e vinte milhões de dólares” e que “carpete, jogo de tabuleiro e TV” são fornecidos no modelo de mil dólares do abrigo⁹.

Portanto, o universo do discurso, agora administrado pela sociedade estabelecida, busca condicionar a linguagem de forma que as expressões da conjunção linguística interfiram diretamente na fala de forma conflitante, agindo até mesmo em mentes que não são suficientemente condicionada à destrutividade lucrativa da fala. O discurso midiático por parte da imprensa é um dos exemplos para a realização de tal processo, considerado de forma irônica como “surreal” por Marcuse.

Para o teórico crítico alemão, a lógica desses processamentos da linguagem se torna “racional” dentro da esfera da operacionalização da razão instrumentalizada pela sociedade estabelecida, quando não se consegue distinguir o fato do discurso, pois esse discurso, não condiz com o fato ao posicionamento linguístico que busca promover e vender por meio da linguagem, uma identificação imediata do particular com o interesse geral.

⁸ “Tais substantivos como “liberdade”, “igualdade”, “democracia” e “paz” implicam, analiticamente, um conjunto específico de atributos que ocorre invariavelmente quando o substantivo é falado ou escrito”. (MARCUSE, 2015, p. 110)

⁹ (MARCUSE, 2015, p.111,112)

A unificação desses opostos acaba marcando o estilo político e também comercial, sendo uma forma pela qual, a comunicação e o discurso se tornam imunes à expressão de recusa e protesto da sociedade. Ambas encontram a palavra certa quando os órgãos da ordem estabelecida admitem e recriminam ao exibir suas próprias contradições como uma indicação de sua verdade. O universo do discurso se fecha de qualquer outra possibilidade de discurso que não demonstre seus próprios termos e interesses. Logo, a destrutividade lucrativa se encontra firmada no universo do discurso e seu condicionamento se expressa na conjuntura linguística de operacionalização da linguagem instrumentalizada pela lógica da sociedade estabelecida.

2 – A linguagem operacional vista como a linguagem do pensamento unidimensional, que transcende o universo comportamental ao relacionar categorias linguísticas a ontológicas, em suas tendências predominantes do discurso.

Para Marcuse há um efeito hipnótico e mágico quanto à projeção de imagens que transmitem uma unidade fascinante, ou seja, uma harmonia de contradições. A hifenização¹⁰⁶ não reconcilia sempre o que não pode ser reconciliável, pois sua estrutura imponente une as ações aos seus atores e outras ações em lampejos. Sendo assim, a coisa acaba sendo identificada como sua função, criando-se um vocabulário que impede a distinção, separação e diferenciação, como novas tendências ao uso operacional que nega a identificação da coisa com sua função.

Marcuse diz:

As tendências predominantes do discurso, que rejeitam essas distinções, são expressivas das mudanças nos modos de pensamento discutidos nos primeiros capítulos - a linguagem operacionalizada, abreviada e unificada é a linguagem do pensamento unidimensional. De modo a ilustrar sua novidade, a contrastarei brevemente com uma filosofia clássica da gramática que transcende o universo comportamental e relaciona categorias linguísticas e categorias ontológicas.

Segundo essa filosofia, o sujeito gramatical de uma sentença é primeiramente uma “substância” e permanece assim nos vários estados, funções e qualidades que a sentença predica do sujeito¹¹.

Portanto, podemos perceber que as tendências predominantes no discurso rejeitam as distinções entre coisa e função, sendo expressivas das mudanças nas formas de pensamento controlados pelo discurso estabelecido da sociedade industrial avançada. Haja vista que, a linguagem operacionalizada, abreviada e unificada, seria exatamente a linguagem do pensamento unidimensional, como vimos na anteriormente na citação acima.

O sujeito de uma sentença nesse contexto seria primeiramente uma “substância” que permanece em funções e qualidades que a sentença predica do sujeito. Não sendo, por exemplo, um

10 Ver mais detalhes nas páginas 114 e 115 de *Estudo da Ideologia da Sociedade Industrial – O homem unidimensional*.

11 (MARCUSE, 2015, p.116).

nome próprio, o sujeito seria mais do que um “nome”, ou seja, uma função ou uma tentativa de “universalização” dessa sentença, que define uma “função” ou estado particular das coisas. Portanto, esse sujeito gramatical, carrega um significado que excede o que é expresso, na tentativa de impossibilitar o processo de mediação da palavra.

Se uma sentença dá definição de seu sujeito, ela não pode reduzir o sujeito a seu estado e funções, porque o sujeito não deve se constituir em seus predicados, pois, ele deve ser o resultado de um processo de mediação que se expressa em uma sentença, porém, a linguagem operacional acaba sendo vista como a linguagem do pensamento unidimensional, que transcende o universo comportamental ao relacionar categorias linguísticas às ontológicas, em suas tendências predominantes do discurso estabelecido da sociedade industrial avançada.

2.1 – O comportamento linguístico em seu processo contra a abstração e a mediação, ao bloquear o desenvolvimento linguístico, e se render aos fatos imediatos quando nega o reconhecimento das circunstâncias por trás dos fatos.

Há uma espécie de abreviação do pensamento indicada pelas abreviações linguísticas que se fortalecem e promovem uma insistência sobre os elementos filosóficos na gramática, que interferem na ligação entre o “sujeito” gramático, lógico e ontológico. Essa insistência põe ênfase nos conteúdos que são suprimidos na linguagem funcional. Criando um bloqueio no desenvolvimento conceitual e no comportamento linguístico, agora banidos da expressão e da própria comunicação.

Se o comportamento linguístico bloqueia o desenvolvimento conceitual, se milita contra a abstração e a mediação, se se rende aos fatos imediatos, nega o reconhecimento das circunstâncias por trás dos fatos e de seu conteúdo histórico. Para sociedade, essa organização do discurso operacional é de vital importância; serve como um veículo de coordenação e subordinação. A linguagem unificada, operacional, é a uma linguagem irreconciliavelmente anticrítica e antidialética. Nela, a racionalidade operacional e comportamental absorve os elementos transcendentais, negativos, antagonísticos da Razão¹².

Percebemos na citação acima que o comportamento linguístico que bloqueia o desenvolvimento conceitual, acaba negando a possibilidade de reconhecer as circunstâncias por de trás dos fatos, negando também a recongnição do conteúdo histórico dos fatos. Portanto, a sociedade acaba sendo guiada por uma organização operacional do discurso como algo fundamentalmente de coordenação e subordinação não apenas dos indivíduos, mas também desse comportamento linguístico.

Torna-se necessário compreender que nesse contexto, a linguagem unificada, que também é operacional, é uma linguagem irreconciliavelmente antidialética e anticrítica, porque neste processo, a racionalidade operacional e ao mesmo tempo, comportamental acaba absorvendo os elementos

¹² (MARCUSE, 2015, p.117).

transcendentes, negativos (o ingresso do negativo nas determinações positivas dessa lógica) e antagônicos da razão instrumentalizada segundo Marcuse.

Logo, percebemos que o comportamento linguístico em seu processo contra a abstração e a mediação, ao bloquear o desenvolvimento linguístico, se render aos fatos imediatos quando nega o reconhecimento das circunstâncias por trás dos fatos, criando uma tensão, pois somente o universo bidimensional do discurso é que pode possibilitar um universo de pensamento crítico, abstrato e dialético por se desenvolver nas contradições reais.

2.2 – A racionalidade operacional, apresentada com pouco espaço e pouco usam para a razão histórica, por meio da linguagem operacional, esta que é uma linguagem radicalmente anti-histórica.

Para Marcuse, os conceitos dialéticos desenvolvem as contradições reais em seu próprio pensamento, que buscam compreender o caráter histórico das contradições e seu processo de mediação como um processo histórico. Dessa forma, a dimensão de pensamento pareceu ser uma dimensão histórica, compreendida como possibilidade da mesma. Porém a linguagem operacional acaba se tornando uma linguagem radicalmente anti-histórica. Segundo Marcuse:

A linguagem operacional é uma linguagem radicalmente anti-histórica: a racionalidade operacional tem pouco espaço e pouco uso para a razão histórica. Essa luta contra a história faz parte da luta contra a dimensão na qual faculdades e forças dissidentes podem se desenvolver – faculdades e forças que podem retardar a coordenação total do indivíduo com a sociedade? A lembrança do passado pode causar *insights* perigoso e a sociedade estabelecida parece estar com medo dos conteúdos subversivos de memória. A lembrança é um modo de distanciamento diante dos fatos dados um modo de “mediação” que rompe, por poucos momentos, o poder onipresente dos fatos dados. A memória recorda o terror e a esperança que passaram¹³.

Os conceitos históricos na linguagem operacional são invalidados pelas redefinições operacionais, sendo falsificações impostas pelas formas de controles estabelecidas de poderes constituídos. Portanto, a linguagem operacional se apresenta como uma linguagem anti-histórica porque nessa forma de racionalidade, não existe possibilidade para se utilizar da razão histórica. Retardando os indivíduos a uma condenação do indivíduo com a sociedade.

A lembrança e a memória também são afetadas de forma negativa nesse processo de operacionalização da razão, em detrimento da linguagem como radicalmente anti-histórica. A primeira pelo distanciamento dos fatos dados, e a segunda por buscar recordar mais o terror e a esperança em uma perspectiva do universo particular que sucumbe ao poder totalitário do próprio universo comportamental dentro das formas de controle da sociedade estabelecida. Considerando que a racionalidade em progresso dessa sociedade tende a suprimir os elementos perturbadores da

¹³ (MARCUSE, 2015, p.118).

memória e do tempo, como um “resíduo irracional”.

Podemos perceber que a relação do passado com o presente, refuta a operacionalização do próprio pensamento da sociedade estabelecida, militando contra o fechamento do universo do discurso, apresentando com pouco espaço e pouco uso para a razão histórica, por meio da linguagem operacional, que pode ser compreendida como uma linguagem radicalmente anti-histórica. Pois, o discurso também desenvolve e enuncia o conflito histórico entre a *coisa* e sua *função*.

2.3 – A ritualização autoritária do discurso desenvolve uma forma de conflito histórico entre o reconhecimento do sujeito, como um agente histórico e sua função, encontrando expressões linguísticas em sentenças que unem predicados contraditórios em uma unidade lógica.

O discurso passa por uma espécie de ritualização autoritária do discurso. Esse que desenvolve o conflito histórico entre a coisa e sua função, encontrando a expressão linguística em sentenças que unem predicados contraditórios em uma unidade lógica. Desenvolvendo esse antagonismo na história entre o reconhecimento do indivíduo como agente histórico. Como cita Marcuse na seguinte passagem:

[...] a ritualização autoritária do discurso é mais impressionante quando afeta a própria linguagem dialética. As exigências da industrialização competitiva e a total sujeição do homem ao aparato produtivo aparecem na transformação autoritária da linguagem marxista em estalinista e pós-estalinista. Tais exigências, como interpretadas pela liderança que controla o aparato, definem o que é certo e errado, verdadeiro e falso. Não deixam tempo nem espaço para uma discussão que projetaria alternativas disruptivas. Essa linguagem não se presta mais ao “discurso”, em absoluto. [...] A linguagem fechada não demonstra nem explica – comunica a decisão, a sentença, o comando. Quando define, a definição se torna “separação entre bem e mal”; estabelece certos e errados inquestionáveis, e um valor como justificativa para outro valor¹⁴.

As premissas da industrialização torna o homem submisso ao aparato produtivo, tornando-se visível na transformação autoritária da linguagem, pois a linguagem se fecha ao definir e estabelecer prerrogativas inquestionáveis como verdadeiras ou falsas, não deixando tempo e nem espaço para uma discussão que projetaria alternativas destrutivas, anunciada em virtude do poder do aparato do discurso estabelecido, fortalecido na lógica instrumentalizada da sociedade industrial avançada controlada pelas relações específicas de produção capitalista.

Marcuse observa que a linguagem fechada não demonstra nem explica quando a definição se torna uma forma de separação entre “bem e mal”, ao estabelecer um valor como justificativa para outro valor operacionalizando por meio de uma redundância (tautologias), sendo “sentenças”

¹⁴ (MARCUSE, 2015, p.120).

terrivelmente eficazes, sentenciando condenações ao promover um tipo de validação consciente para as linguagens.

No mundo contemporâneo, a linguagem ritual-autoritária se espalha não só em países não-democráticos, mas nos democráticos também, se colocando como técnica alternativa de controle, ou seja, um instrumento mesmo quando não estivesse transmitindo alguma ordem, reduzindo as formas e os símbolos de reflexão e negação. Desenvolvendo essa forma de conflito histórico entre o reconhecimento do sujeito, como um agente histórico e sua função, ao encontrar expressões linguísticas em sentenças que unissem predicados contraditórios em uma unidade lógica.

3 – As dificuldades na compreensão da realidade estabelecida, devida à devastadora redefinição do próprio pensamento, que se encontra vinculada à comunicação funcional do universo unidimensional.

Pode-se dizer que sociedade passa a ser dominada por uma administração tecnológica, influenciando na linguagem política, pois esta tende a se tornar a linguagem da propaganda, fazendo a “ponte entre dois reinos da sociedade que antes eram muito diferentes¹⁵⁷”, levando-as a uma série de transformações no próprio comportamento político, se apresentando como uma falsa união. Típica da política da dominação.

Portanto, a comunicação funcional se apresenta como uma camada exterior do universo unidimensional, dificultando a compreensão da realidade estabelecida, que passa a ser redefinida em sua própria ideia de pensamento. Realizando uma inversão do que seja negativo para positivo de um modo que se mantém em pleno funcionamento. Vejamos:

A comunicação funcional é apenas a camada exterior do universo unidimensional no qual o homem é ensinado a esquecer – a converter o negativo em positivo de tal modo que ele possa continuar a funcionar, diminuído, mas adaptado e com um razoável bem-estar. As instituições da liberdade de expressão e de pensamento não dificultam a coordenação mental com a realidade estabelecida. O que está acontecendo é uma devastadora redefinição do próprio pensamento. A coordenação do indivíduo com sua sociedade atinge aquelas camadas da mente nas quais são elaborados os conceitos destinados a compreender a realidade estabelecida¹⁶.

Essa devastadora redefinição do próprio pensamento se associa à coordenação dos indivíduos que atingem camadas da mente onde se elaboram os conceitos destinados a compreender a realidade estabelecida. Tendo seus conceitos tomados por uma forma de tradição intelectual que passam a ser traduzidos em termos operacionais, que tem por efeito a redução entre o pensamento e realidade ao enfraquecer o poder negativo do pensamento.

15 MARCUSE, 2015, p 122. § 1ª

16 (MARCUSE, 2015, p.122)

O processo que busca romper com as dificuldades na compreensão da realidade estabelecida, é um processo filosófico, pois devido à devastadora redefinição do próprio pensamento, que se encontra vinculada a comunicação funcional do universo unidimensional, o processo filosófico chega para romper com essa tradição, buscando uma análise na história da tradição que busca identificar as tendências que levaram à ruptura.

3.1 – A racionalidade da ciência social se torna objeto de uma teoria crítica que visa à própria estrutura desse modelo de sociedade, cujos conceitos operacionais resultam em métodos de controle social aperfeiçoados, como os departamentos de relações humanas.

O conceito operacional dá luz a uma forma limitada e enganosa de experimentação dos fatos, proporcionando uma discrepância entre um conflito e um conceito de fato imediato, criando uma ideia de “realidade universal”. Tratando conceitos como dispositivos mentais e universais em termos de referentes objetivos e particulares.

Esses conceitos passam a ser reduzidos de uma forma a determinarem a análise da realidade humana, social ou individual, material ou mental que chegam a ser compreendidos como uma falsa concretude isolada das condições que constituem a realidade. Porque os conceitos operacionais resultam em métodos de controle social. Como percebemos na citação:

[...] Mais ainda, esse modo de pensamento não apenas se estendeu a outros ramos da ciência social e à filosofia, como também ajudou a moldar os sujeitos com os quais se relacionava. Os conceitos operacionais resultam em métodos de controle social aperfeiçoados: tornam-se parte da ciência da administração, o Departamento de Relações Humanas. Em *Labor Looks At Labor* estão estas palavras de um operário automotivo: [a administração] “não podia nos parar numa linha de piquete; não podia nos parar à força, e então estudaram 'relações humanas' nos campos econômicos, social e político para encontrar meios de parar os sindicatos”¹⁷.

O pensamento passa a ser guiado pelas formas operacionais em enunciados que identificam as operações e as condições para além de situações particulares, expressando uma acusação devastadora que toma como caso particular, uma manifestação de um estado de coisas universais. Eliminando o todo na tradução criando uma ideia de “salvação” nessa operacionalização, haja vista que nenhum modo de pensamento pode dispensar os universais.

Por esses motivos, percebemos que a racionalidade da ciência social, se torna objeto de uma teoria crítica que visa à própria estrutura desse modelo de sociedade, a estabelecida. Os conceitos operacionais resultam nesse contexto em métodos de controle social aperfeiçoados, em suas análises operacionais, como acontece com os departamentos de relações humanas.

¹⁷ (MARCUSE, 2015, p. 125. **grifo do autor**)

3.2 – A análise operacional não pode levantar a questão decisiva caso o consentimento em si, não seja o resultado da manipulação, portanto, ela não pode levantá-la porque transcenderia seus termos para um conceito de democracia como algo limitado.

Os conceitos operacionais que resultam em métodos de controle social que buscam impossibilitar também a análise de rompimento dos sistemas sociais estabelecidos pelo estado de coisas dadas. Segundo Marcuse, a análise é “fechada”, excluindo qualquer tipo de julgamento sobre o contexto no qual os fatos são feitos, determinando de forma artificial seu significado, desenvolvimento e função. Interferindo de forma comprometedora no sistema democrático, este que é definido nesse contexto, nos termos limitantes, porém, realistas do processo real da eleição.

O quadro operacional ainda nos permite diferenciar a manipulação e o consentimento dentro da sistemática “democrática”, onde a eleição pode ser intermediariamente democrática segundo esse grau determinado¹⁸⁸ (de consentimento e manipulação), como percebemos na passagem seguinte:

[...] - embora fosse um “grave erro” negligenciar as “barreiras” para o consentimento e negar que “pressões manipuladoras estivessem presentes. A análise operacional não pode ir além desse enunciado pouco esclarecedor. Em outras palavras, não pode levantar a questão decisiva se o consentimento em si não era resultado da manipulação – uma questão para a qual o estado atual das coisas fornece ampla justificativa. A análise não pode levantá-la porque transcenderia seus termos em direção ao significado transitivo – para um conceito de democracia que revelaria a eleição democrática como um processo democrático limitado¹⁹.

Nessa perspectiva, compreendemos que a análise operacional não pode ir além dos enunciados aderidos às pressões manipuladoras, barrando o consentimento e o negar. Em outros termos, não se pode levantar a questão decisiva caso o consentimento em si não seja o resultado da manipulação. Questão para qual fornece ampla justificativa ao estado atual das coisas.

Para o filósofo, a análise operacional não possibilita levantar por si só a questão decisiva do consentimento, porque transcenderia seus termos em direção ao significado transitivo para uma caracterização de democracia que acaba revelando a eleição democrática como um processo limitado. Ou seja, a análise operacional na democracia, não pode levantar a questão decisiva caso o consentimento em si, não seja o resultado da manipulação do seu próprio sistema nesse modelo de sociedade. Logo a análise operacional da democracia não pode levantá-la porque transcenderia seus termos para um conceito de democracia como algo limitado.

3.3 – O conceito não-operacional é rejeitado pelos seus autores porque define democracia como um controle claro de representação, mas este processo conduz à autonomia pelo viés da

18 Marcuse em sua obra, por exemplo, a eleição de 1952 que foi “caracterizada por um processo de consentimento genuíno a um grau maior do que as previsões mais confiantes poderiam sugerir”. (MARCUSE, 2015, P.131)

¹⁹ (MARCUSE, 2015, p. 131).

doutrinação e manipulação em níveis de opinião ideológicas articuladas por uma consciência falsa.

Sabemos que a análise operacional não pode levantar a questão decisiva se o consentimento em si não era resultado da manipulação, porque transcenderia seus termos em direção ao significado transitivo para um conceito de democracia que revelaria a eleição democrática como um processo limitado. Neste aspecto, faz-se necessário também compreender os aspectos pertinentes sobre o conceito não-operacional que muitas vezes, é rejeitado pelos autores como algo “não-realista”.

Este conceito é precisamente aquele rejeitado como não-realista, porque tal conceito busca definir a democracia em um estado articulado à sociedade industrial avançada como controle claro de representação. Segundo Marcuse:

Tal conceito não-operacional é precisamente aquele rejeitado pelos autores como “não-realista” porque define democracia em um nível muito articulado como um controle claro de representação pelo eleitorado – controle popular como soberania. E esse conceito não-operacional não é, de modo algum, inadequado. Não é de modo algum fruto da imaginação ou da especulação, mas antes define o significado histórico da democracia, as condições pelas quais a luta pela democracia foi feita, e que ainda estão por se realizar²⁰.

Nota-se que este conceito para o filósofo, de modo algum pode ser compreendido como inadequado, pois ele não se mostra como fruto de um processo imaginativo ou da especulação, porque busca redefinir o significado histórico da democracia pelas próprias lutas traçadas por elas. O eleitorado impõe sua conduta sobre seus representantes, e também sobre os que não são.

Na sociedade estabelecida, assessorada pelos aparatos produtivos de controle da sociedade industrial avançada, a uma tentativa de tornar o conceito não-operacional como um controle claro de representação conduzido pela manipulação, mas este processo só conduz a autonomia pelo viés da doutrinação e manipulação em níveis de opinião ideológicas articuladas por uma consciência falsa, típica do operacionalismo da razão instrumentalizada que mecaniza as possibilidades dialéticas dos indivíduos inseridos em tal contexto.

Para Marcuse, um eleitorado autônomo é livre porque está em um nível de articulação independente da doutrinação e manipulação, por essas questões é que esse conceito de não-operacional passa a ser rejeitado na lógica do universo do discurso estabelecido, que se fecha na busca de um real nível de opinião e ideologia como responsável em prescrever critérios aceitos para uma análise das dinâmicas da sociedade. Mesmo sabendo que os conceitos operacionais não são suficientes para descrever os fatos.

Considerações Finais

²⁰ (MARCUSE, 2015, p. 132).

As questões que se referem à operacionalização da linguagem, linguagem personalizada e as tendências predominantes do discurso e do comportamento linguístico são debatidas no conjunto da obra de Marcuse, porém, analisadas com uma profundidade crítico-reflexiva mais detalhada no capítulo 04, intitulado como: *O fechamento do universo do discurso* de sua obra: *Estudo da Ideologia da Sociedade Industrial - O homem unidimensional*, publicada em 1964.

Marcuse observa que na sociedade em que os aparatos de controle social gerenciam os aparatos tecnológicos, como a indústria avançada, os indivíduos tendem a se comportarem de forma unidimensional, pois, neste modelo de sociedade, toda estrutura social passa a ser operacionalizada pela razão instrumental, que operacionaliza também a linguagem, com isso, a razão se torna anti-histórica e autoritária também no universo do discurso.

A operacionalização da linguagem se insere no universo da comunicação por meio dos agentes de publicidade, que moldam este universo ao seguirem os paradigmas estabelecidos pelos aparatos tecnológicos da sociedade industrial avançada, administrada pelos poderes compensatórios do sistema capitalista que se encontram apoiadas sobre a base infeliz dessa estrutura social.

Quando a linguagem é operacionalizada pelos modos predominantes da lógica de instrumentalização da razão, ela tende a se bloquear para as possibilidades de novos hábitos de pensamento social que buscam transgredir as formas de pensamentos bidimensionais e dialéticos, pois, somente com as práticas proporcionadas por essas possíveis mudanças transgressoras, é que se criaria uma linguagem autêntica de rompimento da realidade estabelecida.

A manipulação da representação linguística na identificação e diferenciação entre: razão e fato, verdade e verdade estabelecida, coisa e função, palavra e conceito, é uma das características do discurso no comportamento social, dentro da perspectiva da sociedade industrial avançada, dominada pelas relações específicas de produção capitalista. Privando no discurso, suas potencialidades de mediações que possam constituir os estágios de compreensão dos processos de cognição e avaliação cognitiva, que contingencialmente, são movidos por uma unidimensionalidade na forma de pensar e agir.

O comportamento linguístico quando nega o reconhecimento das circunstâncias por trás dos fatos, ele está se “desenvolvendo” contra os processos de abstração e mediação de seu próprio desenvolvimento conceitual, como também, de seu conteúdo histórico. Neste contexto, ele se coloca como uma linguagem irreconciliavelmente antidialética e anti-histórica, absorvendo elementos negativos e antagonicos da razão instrumentalizada. Pois, a racionalidade operacional se apresenta com pouco espaço para o uso da razão histórica.

Compreender o caráter histórico das contradições apresentadas pela linguagem operacional (esta, que é radicalmente anti-histórica) é uma das características da razão histórica e dos conceitos

dialéticos que se desenvolvem nas contradições reais e nos processos de mediação de sua dimensão. Sendo assim, o passado e o presente nos oportunizam refutar a operacionalização da linguagem, militando contra o fechamento do discurso, pertinente nos moldes da realidade estabelecida.

As dificuldades encontradas na compreensão da realidade estabelecida acontecem devido à devastadora redefinição do próprio pensamento que se vincula à comunicação funcional do universo unidimensional, dominada por uma administração tecnológica gerenciada por uma administração tecnológica gerenciada pelas relações específicas de produção, realizando uma transposição do que seja negativo para positivo, mantendo-se como uma forma de controle social.

Portanto, se analisarmos bem, perceberemos que o próprio conceito operacional “dá luz” a sua forma enganosa de experimentação da realidade, porque este conceito em suas diversas aporias, instiga o processo filosófico que por sua vez, busca na análise histórica e dialética da tradição, tendências que nos levam à ruptura de tal realidade, por meio de um recurso contrário ao operacional. Ou seja, por via de um conceito não-operacional.

Este conceito não-operacional, não deve ser interpretado ou entendido como inadequado ou inverossímil, pois, ele não se enquadra (ou se fundamenta) nos aspectos de dominação da linguagem operacionalizada da sociedade estabelecida, agindo, porém, de forma autônoma e dialética, não se fechando a nenhuma universo de discurso estabelecido, nem mesmo as estruturas de dominação (como os aparatos produtivos que controlam a sociedade industrial avançada) desse modelo de sociedade. A não-operacionalização busca superar a operacionalização administrada pela realidade estabelecida em prol de uma liberdade diante das relações específicas de produção capitalista.

Referências Bibliográficas:

CAMPOS, M. T. C. *Marcuse: realidade e utopia*. São Paulo: Annablume, 2004.

FLORENNE, Yves. *L'Homme Unidimensionnel, de H. Marcuse. Le Monde Diplomatique*, Paris, jun. 1968.

MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial – O homem unidimensional*. Tradução de Giasone Rebuá. - Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1982.

_____. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. - São Paulo: EDIPRO. 2015 A.

_____. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015 B.

_____. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. 8. ed. [Reimpr]. Rio de Janeiro: LTC, 2015 C.

_____. Prefacio a la edición francesa. In: MARCUSE, Herbert. *El hombre unidimensional: ensayo sobre la ideología de la sociedad industrial avanzada*.

Traducción del Antonio Elorza. Barcelona: Planeta-De Agostini, 1993.

_____. *Um ensaio sobre a libertação*. Tradução de Maria Ondina Braga. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

_____. *Contra-revolução e revolta*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

_____. *A obsolescência do marxismo*. In: MARCUSE, Herbert; ADORNO, Theodor; HABERMAS, Jürgen. *As opções da esquerda*. Tradução de ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p. 193-203.

OLIVEIRA, Robespierre de. *O papel da filosofia na teoria crítica de Herbert Marcuse*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

PISANI, M. M. *A “máquina” como instrumento de controle na sociedade tecnológica – Herbert Marcuse crítico da tecnologia*. In: Congresso Internacional Indústria Cultural Hoje. 1., 2006, Piracicaba. *Anais*. Piracicaba, 2006.

WIGGERSHAUS, R. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. 2º ed. Trad. de Lilyane Deroche-Gurgel e Vera de Azambuja Harvey, Rio de Janeiro: Difel, 2006.